

O'NEILL, PATRICK. *TRILINGUAL JOYCE: THE ANNA LIVIA VARIATIONS*. TORONTO: UNIVERSITY OF TORONTO PRESS, 2018, 226 p.

Leide Daiane de Almeida Oliveira
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
daiane.deao@gmail.com

Embora a insistência na questão da intraduzibilidade de *Finnegans Wake* (1939), de James Joyce (1882-1941), pareça ter diminuído com o passar do tempo, prova disso é o crescente número de novas traduções, a obra continua sendo considerada uma leitura desafiadora e uma fonte de inesgotáveis discussões no campo da tradução literária. Alguns críticos ainda sustentam a impossibilidade da tradução de um texto multilíngue como *Finnegans Wake*, mas seu próprio autor foi um grande entusiasta de sua tradução, inclusive participou ativamente de diversos projetos tradutórios. É com o objetivo de discutir sobre o processo de tradução do oitavo capítulo de *Finnegans Wake*, *Anna Livia Plurabelle* (doravante *ALP*), para o francês, italiano e *Basic English*, que Patrick O'Neill traz uma série de microanálises de aproximadamente cinquenta trechos dessas traduções em seu livro *Trilingual Joyce: The Anna Livia Variations*, publicado em 2018.

“Anna Livia Plurabelle”, considerado pela crítica como um dos capítulos mais bonitos e mais acessíveis de *Finnegans Wake*, foi publicado pela primeira vez em 1928, na revista *Transition*. Na introdução de *Trilingual Joyce: The Anna Livia Variations*, O'Neill traz detalhes sobre a composição do texto e a constante correspondência entre Joyce e sua mecenas, Harriet Weaver, na qual Joyce sempre mencionava a quantidades de horas gastas e a inclusão de mais e mais nomes de rios ao texto. O'Neill salienta que a maior excentricidade de *ALP* é a integração, em forma de trocadilhos ou não, de uma quantidade impressionante de nomes de rios (e outras características relacionadas à água). O'Neill apresenta ainda o perfil de Joyce enquanto tradutor do seu próprio texto, demonstrando que o escritor irlandês privilegia muito mais a sonoridade, o ritmo, o efeito verbal e fluidez linguística do que a fidelidade semântica ao texto de partida.

A meticulosidade e o nível de complexidade que estão por trás da escrita de *ALP* podem ser mensurados através das mil e seiscentas horas que o autor afirma ter gastado para escrever as vinte páginas que compõem o capítulo. O processo de tradução também levou bastante tempo. De acordo com O'Neill, para completar a tradução de apenas sete páginas para o francês, Joyce e sua equipe de colaboradores gastaram mais de cinquenta horas, distribuídas em dezessete reuniões de três horas cada. Para a tradução do texto ao italiano, foram necessárias vinte e quatro reuniões para distribuir as aproximadas cinquenta horas de tradução.

Quando Joyce teve a ideia de ter seu espetáculo aquático traduzido para o francês, o convidado para a tarefa foi Samuel Beckett. O conterrâneo de Joyce, ainda longe de ser conhecido ou ganhador do *Nobel* de literatura, pediu ajuda ao seu amigo Alfred Péron para auxiliá-lo no projeto. Após um período de trabalho excruciante dos dois tradutores, quando o texto traduzido estava pronto e à beira de ser publicado, Joyce retirou sua permissão para a publicação e montou mais uma equipe de tradutores para revisar e retraduzir algumas passagens. O'Neill esmiúça este e muitos outros percalços que marcaram o período da

tradução de *ALP*, chamando a atenção principalmente para alguns casos de invisibilização deliberada de alguns tradutores que haviam participado das traduções.

Depois do intrincado percurso tradutório de *ALP* para a língua francesa, a tradução foi publicada em 1931, e como nos informa O'Neill, apenas um mês depois, Joyce se envolve em um novo projeto, dessa vez, tratava-se apenas das páginas finais de *ALP* para o "*Basic English*", proposta pelo linguista e filósofo inglês Charles Kay Ogden. A tentativa de traduzir um texto como *ALP* para um tipo de inglês que se limitava a apenas 850 palavras provou ser bastante complexa e O'Neill discute em detalhes sobre esse empreendimento. Quanto à tradução para o italiano, O'Neill nos relata que Joyce fez a proposta para o tradutor Nino Frank, em 1937, que insistia na impossibilidade da tradução, alegando a não abertura da língua italiana para trocadilhos, mas acabou sendo convencido por Joyce e os dois começaram a trabalhar na tradução logo em seguida. Assim como na tradução para o francês, "muitas águas rolaram" até a publicação da tradução para o italiano em 1940. Esta tampouco foi isenta de problemas, dentre eles, a invisibilidade de alguns tradutores.

A cuidadosa introdução dessa edição aborda não só os principais aspectos da composição do texto de Joyce, juntamente com a seleção dos tradutores, mas também apresenta e discute muitas particularidades da recepção das traduções em seus respectivos países, trazendo críticos importantes como Umberto Eco, por exemplo, que sustenta que a tradução para o italiano é, na verdade, uma reescrita do texto (O'NEILL, 2018, p. 36).

Depois de abordar diversos aspectos sobre *ALP* no capítulo de introdução, O'Neill mergulha com entusiasmo na análise dos trechos selecionados para compor os dez capítulos do seu livro: 1. "All about Anna", 2. "The Old Cheb", 3. "Steeping and Stuping", 4. "Animal Sendai", 5. "Duke Alien", 6. "Phenician Rover", 7. "Nearly as Badher", 8. "Simps and Signs", 9. "Gammmer and Gaffer", 10. "Night Now". Os títulos dos capítulos são trechos das primeiras passagens de *ALP* a serem analisadas em cada seção. Todos os capítulos seguem a mesma metodologia: os trechos do texto de partida selecionados são apresentados e discutidos; em seguida, as traduções são cotejadas com a versão de Joyce, primeiro em francês, depois para o *Basic English* (quando for o caso) e por último, para o italiano; seguida de comentários sobre as escolhas dos tradutores e as possíveis razões para as correções feitas por Joyce. A última seção de cada capítulo recebe o mesmo título, "Comments and Contexts" [comentários e contextos], onde o autor traz as considerações finais sobre os trechos analisados.

O laborioso trabalho de pesquisa contextual dos trechos do texto de partida, somados à análise criteriosa das traduções, que contam com comentários de diversos especialistas da obra de Joyce e teóricos da tradução, são características que tornam essa obra uma fonte fecunda de reflexões e aprendizado sobre tradução literária. Embora possa parecer que a obra está direcionada para os tradutores e tradutoras da obra de Joyce, no decorrer da leitura, no entanto, é possível perceber que as discussões mais gerais sobre tradução são pertinentes para refletir sobre a tradução de diferentes textos literários. Quando às especificidades do texto joyceano, que inevitavelmente acarretam dificuldades no momento da tradução, vale apresentar aqui um dos exemplos trazidos por O'Neill, para que seja possível uma melhor visualização da metodologia de análise seguida pelo autor de *Trilingual Joyce*.

A primeira frase de *ALP*, não parece apresentar muitos problemas para a tradução: "O, tell me all about Anna Livia! I want to hear all about Anna Livia", no entanto, O'Neill inicia seus comentários se voltando primeiro para o "O", que como ele nos informa, está carregado de referências, quais sejam, a circularidade de *Finnegans Wake*, a pronúncia da palavra água em francês, *eau*, a letra grega ômega, o símbolo da sexualidade feminina e da fertilidade, apenas para citar algumas. Embora o "O" e o nome próprio, Anna Livia, também repletos de referências, possam ser repetidos numa tradução tão qual aparecem no texto de partida, restaria ainda resolver o problema do "tell me all about", que como comenta O'Neill,

faz referência a diversos rios, como o rio Tel, na Índia, o Elm, nos Estados Unidos, Alla, em Uganda, Abou, na América do Sul, Bou, na Nigéria, Ou, em Laos, Tana, na Noruega, Ana, nos Estados Unidos, Annan na Escócia, Na, na Tailândia, Nali, em Bangladesh, Lyvia, na Nova Zelândia e Ivi em Uganda. O'Neill nos lembra ainda que o substantivo *ab* em irlandês antigo significa “rio” e o substantivo *aba* em sardenho significa “água”. Esse exemplo traz uma ideia do trabalho meticuloso de O'Neill, primeiro para demonstrar o porquê de *ALP* ter provocado tanta dificuldade em termos tradutórios, e depois, para conseguir argumentar sobre as tentativas de tradução. O autor menciona ainda todo esforço dos tradutores para conseguir manter as referências aos rios no texto traduzido, principalmente recorrendo a outros nomes de rios, sem deixar de prestar atenção ao ritmo e fluidez que eram as características principais que Joyce gostaria que permanecessem em sua obra traduzida.

O'Neill segue sua metodologia de análise sempre em diálogo com diversos críticos e teóricos, aprofundando-se em cada detalhe dos trechos selecionados, trazendo as mais diversas referências. Diante de um trabalho de análise tão minucioso e abrangente, pelo menos dentro do que ele propõe como *corpus* a ser analisado, nos questionamos sobre a quantidade de horas de trabalho necessárias, uma vez que esse é um aspecto sempre levado em consideração em sua abordagem do texto de partida e suas respectivas traduções.

O capítulo de conclusão de *Trilingual Joyce: Anna Livia Variations* segue o mesmo procedimento da introdução no que se refere à estrutura. Na primeira parte, O'Neill discorre sobre o que conseguiu alcançar com seu projeto de análise das traduções, lembrando primeiro de comentar sobre as limitações do trabalho, concentradas principalmente na quantidade de material que pôde incluir; segundo, na importância de considerar os três textos resultantes da tradução como, ao mesmo tempo, textos individuais distintos e textos individuais que compõem um macrotexto trilingue de *ALP* (O'Neill, 2018, p. 183). Em seguida, faz as considerações finais individuais para cada tradução, comentando sobre o sucesso da tradução para o francês e o italiano e o fracasso da tentativa de “tradução” para o *Basic English*. Além disso, O'Neill frisa que muitos dos jogos de palavras ou alusões históricas e culturais presentes no texto de partida não sobrevivem na tradução, sendo necessário um trabalho de substituição por equivalentes (ou aproximações) que funcionem nas outras línguas, sempre tendo em mente a importância da sonoridade, pois, sem se atentar para os efeitos do ritmo, assonâncias, aliterações e fluidez da leitura, perde-se muitos aspectos importantes do texto de partida.

Apesar das dificuldades que um texto como *Finnegans Wake* pode trazer para quem se obstina a traduzi-lo, parece sempre haver um amplo espaço de possibilidades. O próprio Joyce afirmava, como cita O'Neill, que não há nada que não possa ser traduzido (O'Neill, 2018, p. 197). No entanto, o que parece não caber nesse caso específico é a utilização de conceitos tradicionais de tradução para guiar a prática, como a questão da fidelidade, uma vez que acabaria criando tensões das mais diversas. O'Neill se vale de um conselho oferecido pelo crítico Clive Hart, para tentar pensar essa questão: “We must not dismiss too lightly Joyce's delight in the chance meanings of verbal circumstances” (O'Neill, 2018, p. 199). Atentar-se aos significados gerados ao acaso por meio de circunstâncias verbais pode ser uma forma de refletir sobre uma possível metodologia para começar a traduzir um texto como *Finnegans Wake*. Antes de finalizar a conclusão, O'Neill nos lembra que existem tantos *Finnegans Wakes* quanto existem leitores, e o mesmo se aplica aos leitores e leitoras que também são tradutores e tradutoras (O'Neill, 2018, p. 200). A abertura para diferentes possibilidades de leituras e traduções, ou recriações, é uma das características que torna *Finnegans Wake* uma criação artística tão potente.

Trilingual Joyce: The Anna Livia Variations é uma contribuição recente para os Estudos da Tradução Literária. A abordagem metodológica de O'Neill é feita de modo que o constante diálogo entre a história do texto selecionado, nesse caso *ALP*, e as discussões sobre

Joyce e tradução nunca são perdidos de vista. Trata-se de um trabalho importante tanto para quem se interessa por aspectos muito específicos da tradução literária, como para quem tem curiosidade em saber como Joyce transformava uma palavra em um macrocosmo. O trabalho de contorcionismo com as palavras também é uma demanda para os tradutores e tradutoras, e muitas vezes, os resultados alcançados na tradução são igualmente fascinantes. O'Neill nos lembra ainda, ao longo de sua escrita, que tradução é sempre e inevitavelmente um processo de "almosting it", (O'Neill, 2018, p. 38) como o próprio Joyce escreve em *Ulysses* (1922).

Referências

O'Neill, P. *Trilingual Joyce: The Anna Livia Variations*. Toronto: University of Toronto Press, 2018, 226 p.

Recebido em: 21 de julho de 2019
Aceito em: 11 de novembro de 2019
Publicado em: Dezembro de 2019